Uma Picada

Augusto Tomba

I

O amigo fazia a mesma pergunta havia vinte minutos, variando-a de diversos modos, mas Tommaso Bel Fedele seguia sem uma resposta digna de crédito.

— Mas como é que você fez isso sem que ninguém percebesse?

Era inverno, num café de Viena. O vapor das xícaras subia entre eles, lembrava uma cortina de voile muito fino. Tommaso olhava as próprias mãos sobre a mesa. Por um instante, pareceu que ia responder com um desenho técnico, ou uma equação com duas ou três variáveis. Em vez disso, apenas disse:

— Porque ninguém desconfiaria de um guarda-chuva.

O amigo, um restaurador de móveis, que vivia também entre objetos e, como ele, quase nunca falava de si mesmo, esperou. Sabia que Tommaso só terminava uma frase quando estava seguro da sua conclusão.

— Tinha um homem — disse Tommaso, por fim. — Sobretudo cinza. Ponte de Waterloo. Esbarrei nele.

Foi só isso. Uma frase seca. Fluida como uma sequência de semibreves. Mas o amigo entendeu, pelo jeito que as mãos de Tommaso se fecharam sobre a xícara, que estava diante de um resumo. Aquilo era o começo de uma confissão que Tommaso levara vinte anos para fazer.

II

O guarda-chuva era inglês, preto, daqueles que não chamam atenção. O tipo que qualquer homem de negócios carrega num dia de garoa em Londres. Nada nele se destacava, nem o cabo de madeira escura, nem as varetas de aço, nem o tecido de nylon que se abria como uma asa de morcego contra a chuva. Mas aquele guarda-chuva não tinha nada de ordinário.

Tommaso atravessou a ponte devagar. "Quem tem pressa se equivoca. Calibrar a pressão. Ajustar o tempo de reação". As palavras vinham de outro lugar, de outro tempo. Da bancada de trabalho em Murano. Do relógio aberto sobre um pano de feltro. Do pai dizendo que o bom mecanismo não tem peças sobrando. Sabia essas palavras de cor. Repetira-as mil vezes, sobre um emaranhado de objetos que nunca sangraram. Desta vez, o espécime sangraria. Aproximou-se do alvo. Um homem comum, de meia-idade, caminhando em direção ao metrô. Tommaso sabia quem ele era. Um antigo agente que escolhera a vida em vez da obra. Perguntou-se, num instante, se aquele homem ainda reconheceria o passo de alguém do antigo ofício. Presumia que não. Seguiria seu caminho sem nunca saber que cruzara com seu passado. Esbarrou nele. Pediu desculpas. Sorriu. O mesmo sorriso de sempre, aquele que usava havia trinta anos para consertar relógios de uma clientela exigente. Era o sorriso do homem tolerado, jamais amado. E, num movimento tão rápido que parecia acidente, encostou a ponteira de ferro do guarda-chuva na perna do sujeito.

O polegar encontrou o gatilho esculpido no cabo. A mão hesitou, contrariando dois anos de testes sem desvios significativos. Tommaso reconheceu no rosto do outro algo que nenhum porco, nenhum coelho, jamais lhe devolvera. Mesmo assim, apertou. Uma picada.

Conhecia aquela sensação de outro lugar. Vira ratos ficarem imóveis, coelhos paralisados no meio do salto, porcos se contorcerem com um prurido na pele ferida. Calibrara a dose exata em cada um deles. Treino. Sempre fora treino. Uma bancada, um animal, um resultado registrado num caderno de miolo quadriculado. O designado sentiu uma dor aguda, como a de uma picada de inseto. Olhou para trás. Foi então que Tommaso entendeu a diferença.

Porque nenhum porco jamais olhara para trás. Os coelhos não tinham rosto. Aquele homem tinha, e em seus olhos havia uma pergunta muda que nenhuma bancada de laboratório jamais ecoara. Tommaso sentiu um tremor, embora as mãos continuassem firmes. Um abalo no maxilar, como se o corpo soubesse algo ignorado pela razão. O conhecido estremecimento que a gagueira anunciava antes de roubar sua voz, quando era menino, cada vez que alguém pedia que falasse de si mesmo em vez de falar através de um objeto. Não gaguejou. Apenas desviou o olhar antes que o outro o fizesse. O homem também se virou e seguiu andando. Não sabia que já estava morto.

III

— Por que um guarda-chuva? — perguntou o amigo, em Viena, anos depois.

Tommaso sorriu pela primeira vez naquela tarde.

— Porque sabia criar e reparar mecanismos.

Nascera em Murano, numa família de restauradores de relógios antigos. Aquele era um ofício que a ilha guardava com o mesmo ciúme com que mantinha o segredo do vidro. Aos oito anos, já desmontava componentes que ninguém mais sabia consertar. Aos doze, começou a colecionar insetos porque o fascinava o funcionamento do ferrão. Se encantava com aquela relação exata entre dose e efeito que um bicho minúsculo precisa dominar, mesmo que por atavismo, para derrubar um animal muito maior que ele. Era um pouco gago. O padre da paróquia decidira, num inverno, que aquilo se consertava como se ajustava uma peça fora do lugar. Segurou o queixo do menino com as duas mãos e disse que a fala sairia com fé, ou com dor. Saiu com dor. Tommaso não tinha amigos além daquele do café vienense. Na ilha, chamavam-no para consertar o mecanismo do sino da igreja, mas nunca para jantar. Sua utilidade era o seu pertencimento. Esse era o preço da sua invisibilidade. Ele apenas concordava.

O contrabando foi, de algum modo, a continuação natural do ofício. Substituía peças raras de relojoaria por similares não tão nobres em manutenções de coleções particulares, e depois vendia as originais a compradores que não faziam perguntas. Por seus delitos, foi preso duas vezes. Na segunda ocasião, um homem com sotaque do leste europeu lhe ofereceu uma escolha: a prisão ou um trabalho que exigiria as mãos que ele já tinha. Consentiu porque, pela primeira vez, alguém viu valor no que fazia. Dessa vez, sua habilidade não era esquisitice de ilhéu.

IV

O guarda-chuva foi sua obra-prima. Levou dois anos para nascer. Passava as noites num local que cheirava a cera derretida e a bagaço de mamona, que usava para isolar o veneno. Testou as doses em ratos, depois em coelhos, por fim em porcos. Trazia sempre a mesma pergunta técnica, a relação dose-resposta. O mecanismo de mola, minúsculo, precisava de um disparo seco, sem barulho. Nas madrugadas sem fim, testava-o contra um pedaço de feltro, centenas de vezes, contando os cliques baixinho, como quem reza. Uma nota dissonante, e trinta anos de reputação silenciosa desabariam num instante. O gatilho no cabo acionava a mola que percorria a haste oca até a ponteira, onde a esfera embebida em ricina aguardava o disparo. Era um mecanismo de relógio, feito à mão, calibrado com a precisão de um pêndulo. Do projeto surgiu uma assinatura que, por acidente, matava. O mecanismo, para ele, era a escrita de um soneto; exigia fluidez. Tommaso nunca se perguntara se o que fazia era crime. Essa pergunta não lhe dizia respeito.

Um superior, ao ver a complexidade do plano, perguntou por que não usar algo mais simples. Tommaso não respondeu com discursos. Olhou para as próprias mãos, como fazia desde menino diante de um mecanismo aberto, e disse apenas que aquele era seu modus operandi. Para ele, o que aconteceria na ponte não era crime. Era a extensão natural de uma vida inteira ajustando coisas pequenas para produzir efeitos grandes. Londres seria apenas mais um ambiente controlado, como fora a bancada antes e a oficina depois. Só que, desta vez, não haveria paredes.

V

Uma hora depois, uma mulher encontrou o guarda-chuva encostado num poste perto do Tâmisa. Tommaso o deixara ali por um instante, enquanto fingia acender um cigarro que não fumaria. Ela o pegou, olhou ao redor, procurou o dono. Por um momento, o mais longo da vida de Tommaso, pensou em levá-lo a uma delegacia próxima, ou quem sabe àquela famosa repartição de achados e perdidos da Baker Street, na qual milhares de outros guarda-chuvas aguardavam o mesmo fim.

Ele não disse nada. Não se moveu. Apenas observou, do outro lado da rua, o objeto mais perigoso de Londres sendo examinado por uma desconhecida, como se não passasse de um guarda-chuva qualquer, relegado por um anônimo, num dia de garoa que se repetia havia

semanas. No fim, ela deu de ombros e o deixou ali. Tommaso, por precaução, recolheu-o minutos depois e atirou-o no Tâmisa. Viu aquele guarda-chuva flutuar por um instante, negro sobre a água cinzenta, antes de afundar. Ficou na ponte por mais algum tempo, sentindo o vento no rosto. Esperava algo parecido com o que sentia ao fechar a tampa de um relógio terminado. Não sentiu nada disso.

VI

— As mãos ainda sabem o movimento. Mas algo trava antes que eu termine. Como se o mecanismo notasse que, da última vez que fiz algo perfeito, este foi o preço. E não sei se quero pagar outra vez.

Calou-se. Depois acrescentou, numa voz que mal se ouvia:

— Às vezes penso que ficou alguma coisa entre as minhas mãos e o relógio. Não faz sentido. Mas penso assim mesmo.

— Você se arrepende?

Tommaso ficou em silêncio por um longo tempo, mirando as silhuetas do vapor que subia e se desfazia entre eles.

— Arrependimento é coisa de quem não entendeu o que fez. — A voz tremeu, quase gaguejou, e ele apertou os lábios até o tremor passar. — Treinei a vida inteira. Achei que sabia a diferença entre o treino e o resto. Só depois concluí que não tinha mais treino a que recorrer.

O amigo esperou. Notou que havia mais.

— Por que está me contando isso?

Tommaso voltou os olhos para as próprias mãos.

— Porque uma obra que ninguém vê não é uma obra.

— E acha que foi crime?

Tommaso pensou. O vapor se erguia entre eles. Quando respondeu, trouxe um traço de ironia nunca percebido pelo amigo.

— Foi uma exposição. Só não houve visitantes.

Nenhum dos dois disse mais nada. O amigo olhou para suas mãos, as mesmas mãos que, décadas antes, haviam devolvido a hora exata ao relógio da igreja, de graça, sem que ninguém pedisse. Demorou a erguer os olhos. Quando o fez, teve uma certeza: aquelas mãos, tão hábeis, sempre quietas, nunca mais fariam nada de graça.